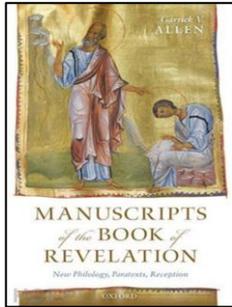


**POR MUITO MAIS REVELAÇÕES  
NO LIVRO DO APOCALIPSE**

*Mario Newman de Queiroz (UFRRJ)*  
[mcnqsofocles@gmail.com](mailto:mcnqsofocles@gmail.com)



ALLEN, Garrick V. *Manuscripts of the Book of Revelation: new philology, paratexts, reception.* Oxford, UK; New York, USA: Oxford University Press, 2020.

<https://global.oup.com/academic/product/manuscripts-of-the-book-of-revelation-9780198849056?cc=pt&lang=en&>

Em 1989, Bernard Cerquiglini publicou *Éloge de la variante*, livro questionador das bases teóricas da tradicional crítica textual, a denominada lachmanniana. Ele não se detinha na crítica bedieriana, que se opunha à metodologia atribuída a Lachmann pelo estabelecimento de um arquitranso hipotético. Não era tão somente a questão de estabelecer um texto de fato havido como o melhor, como em Bédier. Era, numa linguagem deleuziana, uma verdadeira ascensão dos simulacros que propunha. Era uma condenação da obsessão pelo uno. Era uma condenação da concepção positivista de autor, do rastreamento do original perdido na cabeça do autor, de toda pretensão de apresentar o texto único conforme essa fantasia: “a vontade autoral”. Projetava também condições materiais de apresentação de textos muito diversas das do impresso, as condições hoje claras para todos nós nas telas dos computadores, em que podemos acessar inúmeros textos simultâneos.

As ideias que Cerquiglini apresentava para a filologia, para a ecdótica encontravam bases na familiaridade com os trabalhos de Paul Zumthor, de Michel Foucault, de Jacques Derrida, de Gilles Deleuze, do grupo de Lacan, da filosofia da diferença. No ano seguinte, em janeiro de 1990, Stephen Nichols, editor da mais antiga revista de medievalística das Américas, a *Speculum*, trazia um texto que saudava o livro de Cerquiglini como um retorno do pensamento pós-moderno para uma com-

preensão mais ajustada do texto medieval e da complexidade cultural que o envolvia, na produção, nas cópias, nas recepções. E a este movimento Nichols denominou “*New Philology*”.

A afirmação de Cerquiglini de que a “escritura medieval não produz variantes, ela é variância” (p. 111) passou a ser uma chave para a compreensão do que seja a *New Philology* e do como os medievalistas sentiam conceitualmente inadequadas as concepções modernas de autor, texto, reprodução, transmissão, recepção no mundo medieval. Filólogo, medievalista, muito bem relacionado no meio europeu, Celso Cunha, em livro de 1985, *Significância e movência na poesia trovadoresca*, pela leitura dos artigos de Cerquiglini, provavelmente também pelo contato direto com este e com Paul Zumthor, já se punha como um defensor da “movência”. Outro que percebia a importância dessas novas coordenadas era o já bastante idoso Sílvio Elia. Ambos faleceriam em pouco tempo. Deixavam esse espaço de compreensão no Brasil num enorme vazio.

Apesar da recepção por vezes entusiástica dos medievalistas, a *New Philology* encontrou duríssima resistência do meio filológico, formado nas ideias de vontade autoral e estabelecimento de texto único (duas irrealidades para o mundo medieval). Uma das mais duras viria na produção do livro resultante de um congresso realizado por um conjunto de universidades estadunidenses, *Towards a synthesis? Essays on the new philology*, organizado por Keith Busby, em 1993, com seções intituladas “respostas a Cerquiglini”, “respostas a Speculum”. Outro exemplo pode ser visto na resenha de Melinda Menzer, publicada na *Bryn Mawr Review of comparative literature*, em 2001, sobre a tradução do livro de Cerquiglini para a língua inglesa lançada em 1999. Chama atenção o ponto crucial que ela atacava ao fim de seu texto, o custo e capacidade que deveriam ter os computadores para trabalhar num texto em hipertexto pela internet, inclusive para uma simples leitura. O que se viu, no entanto, foi um crescimento exponencial da potência dos computadores, da indústria de *softwares*, dos aplicativos que deram razão ao que prenunciavam os adeptos da *New Philology*.

O que se deu, nos últimos 20 anos, é que – tanto por revisões das bases teóricas, quanto por expansão das bases materiais de produção e leitura, propiciadas pelo rápido desenvolvimento dos meios eletrônicos (hoje, um celular tem maior capacidade de processamento e memória que muitos PCs de 2001) – a *New Philology* foi conquistando cada vez mais espaços. Já nos primeiros anos da segunda década, ela se expandiria da

medievalística para os estudos clássicos, alcançando por fim esse berço da crítica textual que são os estudos bíblicos.

É nesse contexto que podemos compreender o livro de Garrick Allen, *Manuscripts of the Book of Revelation: new philology, paratexts, reception*. Jovem teólogo (nascido em 1988), PHD pela universidade de St Andrews (2015), em seu pós-doutoramento contribuiu para uma nova edição crítica grega do *Livro da Revelação*. De 2016 a 2020, foi professor associado em estudos do Novo Testamento na Universidade da Cidade de Dublin, desde 2020 é “senior lecture” na universidade de Glasgow, e pesquisador no departamento de línguas e culturas antigas e modernas da Universidade de Pretória.

No prefácio, o autor nos conta como surgiu a ideia para o livro. Surgiu de uma experiência que ele inicialmente não julgou tão importante. Como bolsista pesquisador (em tradução literal “assistente científico”) ligado ao projeto de uma edição crítica do Livro do Apocalipse, sob a liderança do Professor Martin Karrer, passava os dias em seu escritório em Wuppertal fazendo transcrições eletrônicas. Conforme nos diz,

A experiência de sentar com uma xícara de café todos os dias para ler manuscritos minúsculos antigos e medievais tardios foi uma experiência rica concedida a poucos estudiosos. (Eu não entendi o quão valioso era naquele tempo). (ALLEN, 2020, p. VII)

Compreendeu, posteriormente, que aquele rico acervo longe de ser material para simples *eliminatio* dizia muito sobre o Livro do Apocalipse (a tradição anglófona prefere Livro da Revelação). A tradição filológica moderna vê sempre o Novo Testamento, o Apocalipse como uma espécie de literatura judaica primitiva em que se busca a verdadeira palavra de seus supostos autores com intuito de reconstituir o que seriam esses textos. O que Garrick Allen percebeu é particularmente importante pela natureza do Livro do Apocalipse. Livro profético, de iluminação tormentosa, evocando imaginários inflamados com Bestas, guerras celestiais, o fim dos tempos, a Nova Jerusalém, o Apocalipse não é um livro fácil de recompor sua lógica, alcançar sua coerência, compreender sua mensagem.

Assim, para além dos manuscritos gregos que o trabalho de ecdótica trabalha na reconstituição do que se pode ver como resultado numa Bíblia nossa contemporânea, há toda uma tradição antiga, medieval e dos séculos XV, XVI, XVII, de paratextos de copistas e comentadores, de intérpretes nem sempre autorizados que anotaram e “rasuraram” o texto. Compondo um mundo de imaginário de leituras e interpretações através

dos séculos. Testemunhos de uma história dos sentidos do texto do Apocalipse que nos trazem novas revelações.

Uma série de questionamentos assolaram o jovem pesquisador. Evidenciar a idade de Garrick Allen é importante para percebermos que, diferentemente dos que primeiro receberam as propostas da *New Philology*, ele já nasceu sob a égide da era da informática. Sua mente por um viés cotidiano já está pronta para pensar em hipertextos, hiperlinks, questionar ideias positivistas individualistas de autoria. Para além dos manuscritos que comporiam o próprio texto bíblico, aquela infinidade de formas variantes, de reconstruções truncadas, de notas marginais, de comentários opinativos alimentaram uma série de questionamentos sobre as questões de autoria, de texto real, de imaginários sociais sobre o Livro do Apocalipse. Alguns deles explicitados assim:

[...] são as obras puramente o produto de intelectos antigos individuais transmitidos imperfeitamente a nós através de comerciantes menos capazes? É esta reconstrução das intenções dos autores, na medida do possível, a única chave para interpretar a obra? Ou a tradição continua a remodelar, enquadrar, e finalmente refazer o livro do Apocalipse cada vez que ele é copiado? Os estudiosos ainda estão participando dessa reformulação quando fazemos transcrições de manuscritos específicos? (ALLEN, 2020, p. VIII)

Em torno dessas indagações, Garrick Allen aceita empreender um roteiro para muito além de um exercício tradicional de crítica textual fixando um texto padrão. Baseando-se nos manuscritos gregos de diversos séculos sobre o livro, ao valorizar manuscritos tardios buscou compreender os contornos da transmissão e a história da recepção do Novo Testamento. Inevitavelmente o trabalho escapou ao limite dos estudos bíblicos e abriu interrelações com uma série de outras áreas dos estudos das humanidades, como com historiadores bizantinos.

O autor começa por defender o retorno aos manuscritos e ao final defende o que chama de “leitura corporificada”. Uma leitura muito mais ampla para compreensão do texto bíblico que não aquela voltada apenas para “O Livro”. Uma leitura que inclui as diversas tradições presentes nos paratextos.

Manuscritos são recursos valiosos porque guardam os resíduos do contexto de sua confecção, transmitindo implicitamente (e por vezes explicitamente) perspectivas contextualizadas sobre as obras que transmitem (Cf. ALLEN, 2020, p. 194).

Pode concluir também da importância da tradição de André de Cesareia (563–614) para as diversas interpretações do Apocalipse. E como essa tradição ultrapassa o próprio texto de comentários de André. Explorando o potencial dos paratextos dessa tradição, Allen elabora as bases para uma hipotética edição crítica digital do Livro do Apocalipse, avança por questões teóricas e práticas importantes para concluir que uma tal edição ainda conta com duas impossibilidades, estruturas institucionais e a maior familiaridade com os textos impressos.

Outra conclusão a que chega é que, ao confrontar a tradição canônica com a eclética do texto bíblico, esta última se mostrou muito mais importante do que se supõe normalmente.

Não estou argumentando que o cânon é um conceito inexistente ou que leitores da tradição grega não acreditavam em um cânon, mas simplesmente observando que as realidades bibliográficas da tradição não suportam a ideia de um cânone fechado e definitivo (ALLEN, 2020, p. 197)

Por fim, traz uma reflexão sobre o futuro das pesquisas sobre o Livro do Apocalipse. Supõe que para além das questões exegéticas tradicionais, há todo um campo de questões críticas, teológicas, sociológicas e históricas pouco e mal exploradas. Um caminho futuro das pesquisas será entender o texto dentro de contextos concretos de leitura e interpretação. Das constantes reinvenções imaginárias que o texto do Apocalipse suscitou e realimentou ao longo dos séculos. Como terá servido sucessivamente contra opositores do cristianismo, por exemplo. É um rico repositório potencial de compreensão histórico-receptivo que os manuscritos nos reservam nos paratextos.

O que podemos observar é que a *New Philology* está cada vez mais presente dentro dos estudos da ecdótica. E estamos apresentando um livro dentro da mais fechada das áreas da filologia, os estudos bíblicos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Garrick V. *Manuscripts of the Book of Revelation: new philology, paratexts, reception*. Oxford, UK; New York, USA: Oxford University Press, 2020.

BUSBY, Keith (Ed.). *Towards a synthesis? Essays on the new philology*. Amsterdam; Atlanta, GA.: Editions Rodopi B.V., 1993.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante: histoire critique de la philologie*. Paris: Seuil, 1989.

CUNHA, Celso. *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

ELIA, Sílvio A crítica textual em seu contexto sócio-histórico. In: III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética, 3, *Anais...* João Pessoa: UFPB/APML / FECPB / FCJA, p. 57-64, 1993. [O evento se deu em 15 a 18 out. 1991].

MENZER, Melinda. Review of Bernard Cerquiglini, In Praise of the Variant: A Critical History of Philology. *Bryn Mawr Review of Comparative Literature*, v. 2, No. 2, Pennsylvania: spring 2001. Article 10.

NICHOLS, Stephen. The new Philology: introduction: Philology in a manuscript culture. *Speculum*, v. 65, n. 1, p. 1-10, Chicago University Press, jan., 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2864468>.